

De quantas maneiras é possível contar a História da África Antiga?*

In how many ways is it possible to tell the History of Ancient Africa?

FURLANI, J. C. (org.). *A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa*. Serra: Milfontes, 2019. 238 p.

Edjalma Nepomoceno Pina**

Recebido em: 10/04/2021

Aprovado em: 31/05/2021

O interesse historiográfico pela África Antiga vem de longa data. Todavia, tal campo sofreu uma reformulação no contexto de descolonização das regiões africanas a partir da década de 1950. Autores africanos da segunda metade do século XX se debruçaram sobre a Antiguidade de suas nações em busca de uma grandiosidade perdida e de elementos que oferecessem coesão identitária aos Estados que emergiam (MACEDO, 2017, p. 12). O tom da historiografia afrocentrista seria dado, em parte, por Cheikh Anta Diop (1955) e Joseph Ki-Zerbo (1978), ao passo que Kwame Nkrumah tornar-se-ia um ilustre exemplo de liderança política a ascender mediante um discurso nacionalista, transportando o tema da consciência histórica para o debate político. O movimento de valorização do passado africano tratou-se de uma tomada de posição contrária à perpetrada por intelectuais europeus do século XIX, como Gauckler (1897) e Cagnat (1913), que tendiam a enxergar o período de colonização da África pelos romanos como uma justificativa para o imperialismo moderno, no qual a supremacia da “civilização” europeia triunfaria sobre a suposta “barbárie” africana (LEPELLEY, 2016, p. 421-424).¹

* Este artigo foi realizado com apoio da Capes (código de financiamento 001).

** Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduado em História pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES).

¹ A História e a Arqueologia também foram amíúde utilizadas para justificar e legitimar ações que viriam a fazer parte do *modus operandi* nazifascista, que ligava demandas políticas contemporâneas à construção de uma memória nacional imperialista. Isso foi realizado pela interferência direta na historiografia e na Arqueologia, seja por meio da publicação de periódicos, de financiamentos de pesquisas ou da criação de centros de pesquisas (SILVA, 2018, p. 148).

Entre as duas perspectivas – a colonial e a anticolonial –, o modo de visualizar as fontes ocupava um papel importante. Aqueles embebidos por ideais racistas e imperialistas esperavam encontrar, nos textos greco-latinos, indícios de uma herança de dominação sobre outros povos, legada pelos romanos para os impérios europeus da Modernidade. Por sua vez, historiadores africanos da segunda metade do século XX, em especial aqueles ligados à Escola de Dakar, se debruçaram sobre as fontes materiais e orais a fim de impor um contraponto narrativo, lançando luz sobre povos ágrafos ou cujos registros escritos são raros, com o intuito de demonstrar a agência dos reinos e impérios africanos em sua particularidade. Nessa tarefa, a técnica de datação por carbono 14 mostrou-se uma grande aliada, uma vez que abriu portas para a periodização de antigas civilizações do continente (BARBOSA, 2008, p. 58).

Sem dúvida, há uma dicotomia entre as perspectivas e intenções das correntes historiográficas citadas. Apesar disso, há uma continuidade no que tange a valorizar o conflito e a relação de força entre os povos ditos dominadores e dominados. Atualmente, narrativas desse gênero tendem a ser superadas, considerando-se o esforço das últimas décadas na produção de estudos baseados em diferentes tipos de fontes – escritas, orais ou materiais –, com o intuito de destacar as interrelações, trocas culturais e coexistências por meio de uma perspectiva regionalizada. Um exemplo disso é o que vem ocorrendo nas pesquisas sobre o norte do continente, nas quais problematizam-se questões específicas ao invés de abordagens gerais de longa duração, como fizeram Joseph Ki-Zerbo (1978), John Donnelly Fage (1970), Endre Sik (1966) e outros. De todo modo, o passado segue em disputa conforme discursos e ideologias o utilizam como matéria-prima para a construção de suas narrativas.

No que tange ao cenário acadêmico brasileiro, a discussão sobre a África antiga ainda está em processo de consolidação, na medida em que a Africanologia brasileira ainda é “em grande parte identificada com a Modernidade e com a Contemporaneidade”, o que faz com que a Antiguidade africana seja relegada “à quase completa invisibilidade” (LIMA NETO, 2019, p. 9). Diante dessa conjuntura, qualquer proposta de publicação científica sobre esse período da história africana desperta interesse e possui potencial relevância historiográfica.

Se a África Antiga é negligenciada em comparação aos períodos posteriores, a história da África romana é ainda mais, sendo essa frequentemente percebida como uma simples “história dos romanos na África”, o que é naturalmente um equívoco. Essa percepção foi fortemente regada pelo sentimento anticolonial, que negava categoricamente as teses colonialistas do século XIX, as quais propunham uma África romana totalmente aculturada. Embora as correntes africanistas tenham motivos óbvios e legítimos para contestar a

problemática historiografia colonialista, é preciso advertir que, ao se tentar criar uma história da África totalmente apartada da história greco-romana, nega-se a possibilidade de sincretismo, hibridismo cultural, apropriações, estratégias e resistências baseadas da tomada de elementos culturais romanos, bem como todo um período que faz parte da formação e da história do continente africano (LEPELLEY, 2016, p. 421-426).

A aversão à presença romana em África também induz a um outro problema teórico, que é a noção de que as fontes greco-latinas não seriam viáveis ou nada teriam a acrescentar à Africanologia. A possibilidade de desfazer esse equívoco insere a coletânea ora resenhada em uma discussão mais ampla, de natureza teórica e metodológica, acerca de como a História da África pode ser contada. Afinal, pode a história da África Antiga ser contada por meio de fontes greco-romanas?

Essa indagação, apresentada por Lemos (2020), revela uma desconfiança em relação à utilização de autores oriundos de uma cultura não-nativa para se problematizar a história do continente africano. Porém, assim como mencionado acima, essa desconfiança apresenta limitações do ponto de vista epistemológico. Devemos questionar, primeiramente, a noção de que autores greco-romanos não oferecem narrativas válidas sobre a paisagem africana por serem “parte de círculos das elites imperiais” (LEMOS, 2020, p. 494), ou seja, não africanos, mesmo que tenham nascido e vivido no continente. Ao defender tal argumento e invalidar determinados tipos de fonte, opiniões como a de Lemos geram uma série de outros problemas. De maneira mais ampla, compreender que o *outro* não pode ser objeto de estudo, mesmo por meio de fontes secundárias, é uma negação das próprias Ciências Humanas, uma vez que, em diferentes níveis e escalas, todos somos o *outro*. Já de modo específico, ocorre uma limitação da compreensão da identidade dos autores antigos provinciais que acumularam em si culturas híbridas, como o caso de Apuleio de Madaura, que se considerava “metade númida e metade gétulo”, falante de grego, latim e púnico (Apuleio, *Apologia*, 6). Igualmente, figuras de grande peso na cultura ocidental, como Cipriano de Cartago, Tertuliano e Agostinho de Hipona são desafricanizadas. Restringir a identidade social meramente à língua falada ou aos espaços em que esses personagens circularam é, no mínimo, um retrocesso a um essencialismo histórico, além de ignorar a contribuição de autores como Stuart Hall (1996), Tomas Tadeu da Silva (2000), Kathryn Woodward (2007), Zygmunt Bauman (2005), David Mattingly (2013), entre diversos outros especialistas.

Como forma de contornar a suposta inviabilidade dos autores greco-romanos, Lemos (2020, p. 496) sugere a utilização da documentação arqueológica, pois, em suas palavras, essa “oferece acesso direto a populações mal representadas em textos produzidos por aqueles que as dominaram”. Obviamente, fontes de natureza não escrita

são fundamentais para se pensar não apenas a história africana, mas todos os demais períodos. Não apenas acreditamos nisso, como incentivamos o uso de tais documentos. Contudo, é um erro ingênuo assumir que a cultura material seja neutra ou uma porta direta que nos conduz a um passado que clama por ser descoberto. O contato com fragmentos arqueológicos e sua apreciação sensorial deve dialogar com as análises históricas, com outras fontes e com a trajetória dos objetos ao longo do tempo, até serem interpretados pelas lentes do presente, tal como as fontes escritas são, como as fontes orais são e como qualquer outro tipo de documento também é (REDE, 1996, p. 276). A idealização da fonte material como portadora da “verdade” induz a uma eterna busca por uma África legítima e preservada, alheia às “contaminações” de culturas externas. Como nos ensina Jurandir Malerba (2016), Ivan Jablonka (2016), Hans-Georg Gadamer (1999) e Wilhelm Dilthey (2006), é um perigo para o historiador se deixar levar pelo desejo da objetividade pura e simples, seja em uma fonte documental dita legítima ou por meio de um método de pesquisa supostamente definitivo. Ao que parece, críticas como as que destacamos acima parecem estar ainda presas à antiga dicotomia entre pensamento eurocêntrico e estudos pós-coloniais, sem conseguir enxergar a possibilidade de outros caminhos.

A visão romana sobre um *outro* africano, ainda que eivada de preconceitos, é parte da história dos povos africanos, especialmente se essa visão foi disseminada por autores que nasceram e cresceram no norte da África, uma região de contatos culturais efervescentes que esteve voltada ao Mediterrâneo desde antes da colonização romana. É o que se percebe ao ler *A África no Mundo Antigo*, obra grandemente pautada por fontes greco-romanas. Isso, por si só, não deveria ser motivo de demérito, é preciso estar atento aos objetivos e à maneira pela qual tais fontes são utilizadas. Nesse sentido, retornando aos objetivos da obra resenhada, identificamos que um deles é justamente compreender a visão greco-romana e os estereótipos desses últimos sobre a África. Não é óbvia a necessidade de se usá-los?

Deve-se destacar, além do mais, que a produção da coletânea deriva de uma disciplina de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, o que é evidenciado pela titulação dos autores presentes no livro. Como consequência, boa parte dos textos possuem uma natureza mais informativa, que visa a transmitir aos leitores as possíveis problemáticas que podem ser desenvolvidas a partir de fontes latinas e gregas, a fim de “estimular a pesquisa e o ensino de História da África, seja ele no nível fundamental, médio ou superior, ao apresentarmos algumas reflexões sobre o continente africano na Antiguidade”, mas sem a intenção de “preencher lacunas historiográficas ou travar debates altamente específicos” (FURLANI, 2019, p. 18-19). Não obstante, como advertido na própria introdução da obra, as reflexões contidas em seus capítulos visam

a “compreender representações sobre a África”, bem como “reconhecer e desconstruir estereótipos e arquétipos negativos sobre o continente”, ainda presentes nos dias atuais.

Em *A África no Mundo Antigo*, as fontes também são abordadas de maneira que revelam vivências complexas, como a memória do martírio de Perpétua e Felicidade, e visões estigmatizantes sobre a cultura autóctone, como no relato de Estrabão sobre os egípcios. Por falar em Egito, há um capítulo exclusivo para a discussão de sua história e africanidade, muitas vezes ignorada em livros didáticos e na produção midiática, que ainda sustenta mitos historiográficos e literários. Ao tratar das polêmicas envolvendo a África Antiga e a mídia audiovisual, também ocorre uma discussão sobre lugares de memória preservados no cinema e a utilização de produções cinematográficas em sala de aula, sobretudo para a desconstrução de estereótipos, que é outro dos objetivos do livro em questão.

Embora os temas abordados nos capítulos sejam múltiplos, a obra apresenta coesão, que pode ser evidenciada em alguns processos, como a desnaturalização dos relatos de autores greco-latinos sobre a África, como os de Estrabão, Diodoro da Sicília, Políbio e Salústio, ou mesmo Apuleio, que têm suas narrativas lidas à luz de seus próprios contextos e desconstruídos com apoio de uma bibliografia especializada. Confrontar os estigmas de autores antigos é útil, em primeiro lugar, para desatar o anacronismo de atribuir noções teóricas raciais a esses personagens e, em segundo lugar, indicar que o olhar pejorativo sobre o continente africano atravessou os séculos, assim como a visão pejorativa ou exótica sobre o Oriente permeia a Europa ocidental até os dias atuais, como indicado por Edward Said (2007). Outrossim, a divulgação da discussão sobre a visão dos antigos acerca da África é imprescindível, pois, como é afirmado no prefácio da obra, “arrancar pela raiz os preconceitos não é tarefa das mais fáceis, sendo as mais recentes perspectivas históricas somente conhecidas por um círculo restrito de especialistas, encontrando dificuldade de se impor para um público mais amplo” (LIMA NETO, 2019, p. 13).

Cumprir notar que outro ponto de interseção entre os autores da coletânea é a intenção de destacar a historicidade dos eventos que tiveram como palco a África. Isso se explica pela luta em desconstruir a noção da África como continente a-histórico, sem mobilidade, conflitos ou transformações, ideias difundidas até por notáveis filósofos, como Friedrich Hegel (1995, p. 174), que taxou a África como desprovida de condições necessárias para avançar no tempo histórico.

Ao fim e ao cabo, *A África no Mundo Antigo* entrega o que promete nas primeiras páginas de seu prefácio, ou seja, apresentar e discutir, de forma didática e acessível ao público leigo, uma série de possibilidades de investigação potencialmente atraentes para

professores do ensino básico, alunos do ensino superior e amantes e curiosos sobre o tema. Além disso, tal obra é interessante para se pensar os limites da documentação escrita como fonte da história africana e para desnaturalizar preconceitos consolidados sobre o continente, o que demonstra sua pertinência no fomento do estudo da Antiguidade no país, que carece de publicações exclusivamente dedicadas à história da África, ou melhor, às histórias da África.

Referências

- APULEIO. *Apologia. Florida. De Deo Socratis*. Edited and translated by Christopher Jones. London: Loeb Classical Library, 2017.
- BARBOSA, M. S. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n. 1, p. 43-63, 2008.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire sous les empereurs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1913.
- DILTHEY, W. *Construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Unesp, 2006.
- DIOP, C. A. *Nations nègres et culture*. Paris: Éditions Africaines, 1955.
- FAGE, J. D. (ed.). *African discovers her past*. London: Oxford University Press, 1970.
- FURLANI, J. C. (org.). *A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa*. Serra: Milfontes, 2019.
- FURLANI, J. C. A África no Mundo Antigo: palavras iniciais. In: FURLANI, J. C. (org.). *A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa*. Serra: Milfontes, 2019, p. 16-21.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GAUCKLER, P. *Les aménagements agricoles et les grands travaux d'art des Romains. La France en Tunisie*. Paris: [s.n.], 1897.
- HALL, S.; DU GAY, P. (ed.). *Questions of cultural identity*. Thousand Oaks: Sage, 1996.
- HEGEL, F. *Filosofia da História*. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- JABLONKA, I. *La historia es una literatura contemporanea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- KI-ZERBO, J. *História da África negra*. Lisboa: Europa-América, 1978.
- LEMOS, R. Pode a história da África Antiga ser contada através de autores greco-romanos? *Tempo*, v. 26, n. 2, p. 493-499, 2020.
- LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? *Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte. Heródoto*, n. 1, v. 1, p. 418- 437, 2016.

- LIMA NETO, B. M. Apresentação. In: FURLANI, J. C. (org.). *A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa*. Serra: Milfontes, 2019, p. 9-15.
- MACEDO, J. R. Entrevista com José Rivair Macedo: a consolidação do campo de História da África Antiga no Brasil. *Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 10, p. 11-25, 2017.
- MALERBA, J. Ciência e arte na escritura histórica. In: MALERBA, J. (org.). *História e narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity: experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- REDE, M. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista*. v. 4, p. 265-282, 1996.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SIK, E. *The History of Black Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- SILVA, G. J. Historicidade, memória e escrita da História: Augusto e o culto *della romanità* durante o *ventennio* fascista. *Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 12, p. 142-163, 2018.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 7-72.